

Ensaio interpretativo sobre uma guerra assimétrica

Armando Alexandre dos Santos ^a

Resumo: O ensaio examina a Guerra do Vietnã à luz do conceito de assimetria nos conflitos armados, articulando dimensões geográficas, estratégicas e psicológicas. Após distinguir guerras simétricas e assimétricas, situa o conflito vietnamita na tradição da guerrilha desenvolvida na Primeira Guerra da Indochina, ressaltando o papel da geografia do Sudeste Asiático — florestas densas, relevo montanhoso e fronteiras porosas — como fator favorável às forças *vietcongues*. Inserida no contexto da Guerra Fria, a guerra é interpretada como conflito limitado, no qual a superioridade tecnológica e o poder de fogo norte-americanos não se converteram em vitória estratégica. Sustenta-se que a derrota dos Estados Unidos ocorreu sobretudo no campo político e psicológico, em razão da erosão da vontade de combate e da eficácia da propaganda adversária, evidenciando a centralidade da dimensão moral nas guerras assimétricas contemporâneas.

Palavras-chave: Guerra do Vietnã; guerra assimétrica; Guerra Fria.

O presente texto é apenas um ensaio, que nem de longe pretende esgotar um tema amplo e controverso, passível de aprofundamentos e análises desde muito variados pontos de vista. Como todo ensaio, tem algo de pessoal e subjetivo, passível de correções e aperfeiçoamentos. E também tem

algo de aventura, característica apontada pelo grande ensaísta e mestre dos paradoxos Gilbert Chesterton (1874-1936), que afirmou ser o ensaio “a única forma literária que confessa, no seu próprio nome, que o ato temerário conhecido como

^a Professor e historiador, doutor em Filosofia e Letras. Associado correspondente do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil.



escrever é realmente um salto no escuro.”¹

Já há algum tempo desejava escrever sobre a Guerra do Vietnã, conflito de grande importância na Guerra Fria que marcou profundamente toda uma geração. Procurei algumas referências na internet, mais precisamente no Google, o *pater asinarum* da atualidade, mas confesso que desisti de utilizá-las, em parte por sua extrema superficialidade, em parte pelo inegável facciosismo com que se referem à Guerra do Vietnã. Preferi utilizar uma única fonte, não isenta de defeitos, mas pelo menos mais confiável e sólida, que é a *História das Guerras*, organizada por Demétrio Magnoli². Nessa obra, em cuja confecção colaboraram numerosos estudiosos, o capítulo referente à “Guerras da Indochina” (p. 391-423) é de autoria do próprio Magnoli. Além dessa fonte bibliográfica, preferi apoiar-me na minha própria memória, já que acompanhei pessoalmente, com muito interesse, a maior parte da Guerra do Vietnã, quando adolescente e

jovem. No tocante à Primeira Guerra da Indochina, quase toda ela se passou antes de eu nascer, mas, mesmo assim, o tema me é grandemente familiar, porque acompanhei, durante anos a fio, três revistas universitárias francesas de História (*Miroir de l’Histoire, Historia e Historama*), e nessas revistas o tema das guerras coloniais na Indochina e na Argélia era recorrente.

Neste ensaio, pretendo focalizar uma característica fundamental da Guerra do Vietnã: seu caráter assimétrico.

ASSIMETRIA E ASSIMETRIA EM CONFLITOS ARMADOS

Há guerras simétricas e há guerras assimétricas. A diferença é conceitualmente bem clara para os estudiosos da História Militar.

A Primeira Guerra Mundial foi tipicamente um conflito armado simétrico, ou seja, entre nações bem definidas, mais ou menos dispendo da mesma força, usando mais ou menos as



mesmas armas e o mesmo modo de combater. Foi mera medição de forças (e sobretudo de vontades) em situação de quase paridade de recursos humanos e bélicos. Essa quase paridade dos dois conjuntos de nações envolvidas explica de ter o conflito durado quatro longos e intermináveis anos, desde 28 de julho de 1914 até 11 de novembro de 1918.

Já a “Guerra Brasílica” ou “Guerra da Luz Divina”, travada no Nordeste brasileiro entre 1630 e 1654 contra os holandeses calvinistas que nos invadiram e tentaram colonizar, foi tipicamente uma guerra assimétrica: de um lado, um exército europeu moderníssimo (para a época), bem armado e dispendo de todos os recursos técnicos, solidamente estabelecido em Olinda e no Recife, com bases bem assentadas em diversos pontos do litoral nordestino às quais tinha fácil acesso um eficiente serviço de apoio e remuniamento por mar, a partir da Holanda; de outro, os luso-brasileiros mal armados, mas conhecedores do terreno, dominando

todo o interior, travando uma efficacíssima técnica de guerrilhas e sobretudo, dispostos a defender de todos os modos sua terra e sua fé contra os invasores. Mesmo nas três grandes batalhas campais do conflito, em que se fugiu um tanto do modelo guerrilheiro e se aproximou mais do que poderia ser entendido como um combate clássico, entre exércitos regulares, a assimetria estava muito marcada no armamento e na própria organização dos confrontantes.

Outra guerra tipicamente assimétrica foi a Primeira Guerra da Indochina, travada contra a dominação colonial francesa, entre o fim da Segunda Guerra Mundial e 1954. Nela é que se desenvolveu e praticou de modo claro o sistema de guerrilhas, pelo qual um adversário mais fraco se serve da mobilidade, das condições geográficas e climáticas, do elemento surpresa e da propaganda psicológica para desgastar e desmobilizar um inimigo muito mais poderoso e organizado. Esse sistema seria, no mesmo local,



aplicado com ainda maior desenvolvimento na Guerra do Vietnã, travada de 1960 a 1975 entre os dois Vietnãs, o do Norte e o do Sul, ajudado este (até 1973) pelos Estados Unidos, e aquele sustentado pelas potências comunistas.

ASPECTOS GEOGRÁFICOS DO SUDESTE ASIÁTICO

Do ponto de vista geográfico, a região conflagrada constitui o lugar ideal para um conflito assimétrico.

O Sudeste Asiático é composto fundamentalmente pelo Vietnã (entre 1954 e 1975 dividido em dois, o Vietnã do Norte, comunista, e o Vietnã do Sul, pró-Ocidente), pelo Laos, pelo Camboja e pela Tailândia (antigo Reino do Sião). O foco principal da luta foi o Vietnã, que tem a forma sinuosa de um longo e retorcido S. Bem ao norte, não distante da fronteira chinesa, situa-se Hanói, cidade importante, que foi durante muito tempo a capital do Vietnã do Norte. Quase no extremo sul,

confrontando com a província da Cochinchina, situa-se Saigon, cidade bastante importante e populosa, que foi capital do Vietnã do Sul e, agora, renomeada Ho-Chi-Min-Ville, é a capital da República do Vietnã, até hoje oficialmente comunista.

Ao longo de toda a orla marítima, desde o golfo de Tonquim, ao norte, até o extremo sul da Cochinchina, havia povoados e cidadeszinhas, localizando-se nessa orla a maior parte da população civil. Para o interior, seguia-se uma faixa não muito larga de planícies com arrozais, e logo a seguir se fechava a vegetação numa floresta luxuriante que ia subindo cada vez mais, até chegar a uma cadeia de montanhas elevadas, que dividia o Vietnã dos vizinhos Laos e Camboja. Do outro lado, ia a topografia descendo, em direção ao importante vale do rio Mekong, que dividia o Laos da Tailândia, depois cortava o Camboja ao meio e, por fim, penetrava em território vietnamita, ao sul de Saigon, já em plena Cochinchina. A região das montanhas cobertas



de florestas constituía o terreno ideal para uma guerra assimétrica, como é, por excelência, a de guerrilhas.

Já a Guerra da Indochina, contra os franceses, foi assimétrica, como metaforicamente o reconheceu o generalíssimo vietnamita Nguyen Van-Giap:

Será a guerra entre um tigre e um elefante. Se acaso o tigre parar, o elefante o transpassará com suas poderosas presas: só que o tigre não vai parar; ele se esconde na selva durante o dia para só sair à noite; ele se lançará sobre o elefante e lhe arrancará o dorso por grandes nacos, depois desaparecerá e, lentamente, o elefante morrerá de exaustão e de hemorragia.³

A Guerra da Indochina terminou em 1954, com a retirada dos franceses e a divisão do Vietnã em dois países, como acima aludido. Após alguns anos de relativo apaziguamento, por volta de 1960 se reacenderia o conflito, com o Norte acolhendo vietnamitas do Sul, partidários do regime

comunista – os chamados *vietcongues*, armando-os, treinando-os e lançando-os em sucessivas ofensivas contra o regime do Sul. Teve início, então, propriamente a chamada Guerra do Vietnã, que só pode ser bem entendida se considerada no contexto mais amplo da Guerra Fria.

O CONTEXTO DA GUERRA FRIA

Guerra Fria é como se designa o longo período de confrontação estratégica e política entre os Estados Unidos e a União Soviética, desde o final da Segunda Guerra Mundial até o desabamento do império soviético, ocorrido em 1991. Nesse período, as duas superpotências não se enfrentaram militarmente de modo direto, mas fizeram-no indiretamente, em numerosos conflitos localizados na imensa “terra de ninguém” disponível em quase todo o globo terrestre. Corrida armamentista, corrida espacial, guerra de propaganda, terceiro-mundismo, “descolonização”,



guerra psicológica revolucionária etc. foram aspectos ou episódios dessa guerra.

Em fins da década de 1970, o bloco comunista estava levando nítida vantagem e parecia destinado a isolar os Estados Unidos e dominar o mundo inteiro, mas a situação inverteu-se com a eleição de Ronald Reagan (1981-1989), apoiado por Margaret Thatcher, a “Dama de Ferro” que esteve à testa do governo inglês de 1979 a 1990. Esses dois notáveis estadistas, com pulso firme, conseguiram inverter um quadro que parecia irremediavelmente comprometido, de modo que foi a União Soviética que desabou espetacularmente, revelando ao mundo a triste realidade de miséria e ditadura que durante décadas procurara velar.

ASSIMETRIA DO CONFLITO

Na Guerra do Vietnã, os Estados Unidos sofreram vergonhosa derrota no campo político, diplomático e propagandístico, mais

do que no campo militar propriamente dito.

Numa primeira fase dessa guerra, correspondente aos seus três primeiros anos, a política da defesa do Vietnã do Sul contra os ataques dos *vietcongues* apoiados pelo Vietnã do Norte foi muito clara. O regime, comandado pelo presidente Ngo Dinh Diem (1901-1963), adotava uma política de oposição total. Armava a população civil, até mesmo nas remotas aldeias perdidas entre as montanhas. Quando chegavam os guerrilheiros vietcongs, geralmente durante a noite, eram recebidos à bala e rechaçados.

Em 1963, Ngo Dihn Diem foi assassinado em circunstâncias até hoje não inteiramente esclarecidas e houve, no Vietnã do Sul, uma mudança estratégica decisiva. Assumiu um grupo político novo, que preferiu desarmar a população civil, confiando em que o Exército sul-vietnamita, auxiliado pelos norte-americanos, seria suficiente para enfrentar a guerrilha. Nos Estados Unidos, também cresceu o apoio militar, na



esperança de uma vitória fácil, e foi cada vez mais crescendo o contingente de tropas mandado para a região.

Dessa forma acentuou-se a assimetria do conflito, com o que somente lucraram os *vietcongues*.

Nas regiões montanhosas, que constituíam a maior parte do território do Vietnã do Sul, a população se agrupava em pequenas aldeias isoladas que ficavam, praticamente, à mercê dos guerrilheiros. Quando estes chegavam, à noite, se não eram bem recebidos chacinavam impiedosamente a população desarmada. Esta se via, pois, constringida a dar apoio logístico aos *vietcongues*, e a se afastar cada vez mais da fidelidade ao regime do sul, para não correr risco de violentas retaliações por parte dos comunistas.

Isso fez com que, gradualmente, o país fosse, em tese, Vietnã do Sul, mas na prática fossem os nortistas quem realmente dominava. Mais um elemento de assimetria do conflito.

Acrescente-se, ainda que a geografia local oferecia outros

elementos favoráveis à guerrilha: chuvas torrenciais quase o ano todo, produzindo imensos lamaçais que dificultavam o transporte de veículos pesados, e ocasionando também febres palustres e malária, moléstias contra as quais a população local já havia desenvolvido anticorpos, mas que atingiam de modo inclemente os europeus e os norte-americanos pouco habituados à região.

Geograficamente, ainda, o fato de serem tão permeáveis as fronteiras do Vietnã do Sul com o Laos e o Camboja, facilitava muito a guerra de guerrilhas, pois os vietcongs, treinados no Vietnã do Norte, desciam pela famosa Trilha de Ho-Chi-Min, através do Laos e do Camboja, e penetravam impunemente em qualquer ponto do Vietnã do Sul. Mas os sul-vietnamitas e os seus aliados norte-americanos eram forçados a tomar extremo cuidado no seu relacionamento diplomático com Laos e Camboja, evitando ultrapassar certos limites a partir dos quais China e URSS se sentissem ameaçadas e decidissem



interferir, internacionalizando o conflito e conduzindo-o eventualmente a uma nova Guerra Mundial.

Na realidade, como bem observa Magnoli “os Estados Unidos jamais ultrapassaram a fronteira da guerra limitada”⁴. Apesar de terem colocado no Sudeste Asiático mais de meio milhão de homens, jamais tomaram inteiramente atitude de quem quer efetivamente vencer a guerra. Ficaram todo o tempo prisioneiros de uma estranha inibição. O próprio Robert McNamara, que durante muitos anos foi o responsável pela condução da política externa norte-americana, reconheceria, em 1996, que o governo americano, contrariamente à opinião dos chefes de seu estado-maior, nunca quis tomar atitudes mais enérgicas que ameaçassem chegar a uma confrontação com a China ou a URSS⁵.

“No quadro da guerra limitada, as forças americanas venciam batalha após batalha, tomando áreas ocupadas pelo inimigo, apenas para vê-las

recuperadas pelos guerrilheiros após a partida das tropas dos Estados Unidos.”⁶

Tudo isso marca bem a extrema assimetria da Guerra do Vietnã. De um lado, os Estados Unidos eram olímpicamente vitoriosos. Tinham a hegemonia aérea absoluta, reconquistavam sistematicamente todos os terrenos tomados pelas sucessivas ofensivas *vietcongues*, matavam muito mais inimigos do que perdiam seus homens... mas perderam a guerra! Os Estados Unidos despejaram 8 milhões de toneladas de bombas sobre os seus adversários, quantia correspondente a quatro vezes o que foi usado ao longo de toda a Segunda Guerra Mundial⁷, mas essa incrível exibição de força, precisamente por causa da assimetria da guerra, em larga medida devida às condições geográficas, de pouco adiantou!

BALANÇO FINAL DE UMA GUERRA ASSIMÉTRICA

A Guerra do Vietnã não foi perdida militarmente pelos



Estados Unidos. Do ponto de vista da estratégia militar, ela foi apenas mal conduzida, mas poderia ter sido corrigida sem dificuldade. Ela foi perdida politicamente, no campo da propaganda, da chamada guerra psicológica.

A imprensa ocidental – inclusive, e sobretudo, a norte-americana – foi a que mais se opôs à guerra, que era apresentada como impopular, como antipática. Chegou-se ao extremo de veteranos de guerra norte-americanos, condecorados por seu valor em campos de batalha, aderirem a manifestações contra a guerra diante do Pentágono, jogando ao chão, com desprezo, as condecorações recebidas. Como manifestação de triunfo de uma guerra psicológica e de propaganda, não conheço nada igual.

Os *vietcongues* venceram, não porque eram fortes e superiores no campo de batalha, mas unicamente porque, de acordo com os ensinamentos do genial filósofo e teórico militar chinês Sun Tzu (544 - 496 a.C.), conseguiram

que os norte-americanos perdessem a vontade de lutar e vencer.

Desde 1969, os Estados Unidos deram início a uma nova política, chamada de “vietnamização da guerra”. Entenda-se: crescente desinteresse pela guerra, que afinal de contas era um negócio a ser resolvido entre si pelos vietnamitas do Norte e os do Sul. Os teóricos da “vietnamização” não diziam isso com essa clareza, evidentemente, mas pregavam que os Estados Unidos deviam armar e fortalecer seus aliados sul-vietnamitas para que estes vencessem a guerra por si mesmos e sem precisar da presença de tropas norte-americanas. Essa política foi sendo desenvolvida nos anos seguintes, até que em 1973, os norte-americanos decidiram retirar todas as suas tropas do país. Na verdade, bateram vergonhosamente em retirada.

A luta ainda prosseguiu por mais dois anos, entre sulistas e nortistas. Mas, em 1975 o Vietnã do Sul caiu, e teve início a dominação comunista em todo o país. De acordo com a famosa teoria



geopolítica do dominó, caíram também, em sequência, Laos e Camboja. Nesse último país, a chacina e o genocídio praticados pelos fanáticos do *Khmer-Rouge* foram além de todo o imaginável. Entre 1975 e 1979, mais de 2 milhões de pessoas foram barbaramente assassinadas; bastava alguém usar óculos para ser fuzilado ou abatido a golpes de enxada, por ser “intelectual” e “inimigo do povo trabalhador”!

O conflito do Vietnã foi muito importante no desenvolvimento da doutrina militar norte-americana, como registra Magnoli:

O estilo americano de guerra, delineado na Guerra da Secessão, alcançou seu apogeu na Segunda Guerra Mundial. Esse estilo se baseava na mobilização geral das forças de uma poderosa economia industrial, numa rude estratégia de atrito, na superioridade oferecida por um poder de fogo arrasador, na tática de ofensivas diretas e decisivas. A Guerra da Coreia revelou, pela primeira vez, as limitações dessa tradição militar e a Guerra do

Vietnã assinalou seu esgotamento.⁸

Paro por aqui. Julgo ter mostrado suficientemente a influência da geografia sobre os resultados da guerra assimétrica do Vietnã. Foi enorme, mas não foi decisiva. O fator decisivo, a meu ver, foi o lado psicológico e propagandístico. Nesse campo é que o Ocidente se encontrava despreparado, desmobilizado, acovardado. E por isso mesmo foi derrotado.

Concluo, mais uma vez, citando Magnoli:

Contrariamente ao mito popular, os Estados Unidos não foram derrotados nas florestas do Vietnã, mas no campo de batalha da opinião pública americana. Historiadores que, corajosamente, encaram as indagações contrafactuais sustentam com argumentos poderosos a tese de que a decisão política da retirada americana representou a renúncia à perspectiva realista de vitória militar.⁹



Mais uma vez se confirmou assim a sabedoria dos ensinamentos de Sun-Tzu.

BIBLIOGRAFIA

CHESTERTON, G. K. *O Tempero da Vida e Outros Ensaios*. Rio de Janeiro: Graphia, 2010, p. 11.

MAGNOLI, Demétrio. *História das Guerras*. São Paulo: Contexto, 2006.

FERRO, Marc. *História das colonizações*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

NOTAS

¹ CHESTERTON, G. K. *O Tempero da Vida e Outros Ensaios*. Rio de Janeiro: Graphia, 2010, p. 11.

² MAGNOLI, Demétrio. *História das Guerras*. São Paulo: Contexto, 2006.

³ FERRO, Marc. *História das colonizações*. São Paulo: Companhia das Letras,

1996, p. 315-316, apud MAGNOLI, op.cit., p. 395.

⁴ MAGNOLI, op.cit., p. 416.

⁵ *Ibid.*, p. 416-417.

⁶ *Ibid.*, p. 417.

⁷ *Ibid.*, p. 419.

⁸ *Ibid.*, p. 418.

⁹ *Ibid.*, p. 392.